

CRISTO E A CRIATIVIDADE  
*Rabiscando na areia*



MICHAEL CARD

**CRISTO E A CRIATIVIDADE**  
*Rabiscando na areia*

TRADUÇÃO  
*Jorge Camargo*



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

CRISTO E A CRIATIVIDADE  
Categoria: Espiritualidade / Liderança / Vida Cristã

---

Copyright © 2002, Michael Card  
Publicado originalmente por InterVarsity Press,  
Downers Grove, IL, EUA.  
Título original em inglês: *Scribbling in the Sand —  
Christ and creativity*

Segunda Edição: *Abril de 2008*

Revisão: *Bernadete Ribeiro*

Capa: *Julio Carvalho*

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

C266r  
2008

Card, Michael, 1957-

Cristo e a criatividade : rabiscando na areia / Michael Card ;  
tradução Jorge Camargo. — Viçosa, MG : Ultimato, 2004.  
176p.

Tradução de: *Scribbling in the sand : Christ and creativity*  
Inclui bibliografia

ISBN 978-857779-005-0

1. Criatividade - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Vida  
cristã. I. Título.

CDD 20.ed.233.5

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

*Este livro é dedicado a duas pessoas.*



A primeira é alguém que há vinte anos eu tenho ouvido dizer: “não sou muito criativa”. Susan, muito do meu esforço para escrever este livro foi para, esperançosa e finalmente, convencê-la do contrário. Você encarna a forma de criatividade mais verdadeira e semelhante à de Cristo, bem como a habilidade de procurar, encontrar e tocar o coração de uma pessoa.

A segunda é meu bom amigo Scott Roley, que, para os padrões da sociedade, é encantadoramente criativo. É um cantor, compositor e instrumentista maravilhoso. Boa pinta e, além disso, gentil! Scott, você deixou tudo isso para trás porque ouviu e respondeu fielmente ao caro chamado de ir mais fundo, para tocar menos gente, porém de um modo infinitamente mais profundo. Este livro foi escrito em gratidão pelo seu sacrifício.



# SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
1. RABISCANDO NA AREIA	17
2. A FOME DO BELO	25
3. O CHAMADO PARA CRIAR	35
4. CANTANDO UMA NOVA CANÇÃO	47
5. RECAPTURANDO A IMAGINAÇÃO	53
6. UMA NOVA CANÇÃO PARA CRISTO	63
7. O CARÁTER DA CRIATIVIDADE	75
8. UM ESTILO DE VIDA DE ESCUTA	89
9. O CHAMADO É PARA A COMUNHÃO	105
10. CARTAS AOS ARTISTAS CRISTÃOS	119
11. A MAIOR EXPRESSÃO DE CRIATIVIDADE	159
APÊNDICE: CRESCENDO EM CRIATIVIDADE — ALGUNS CONSELHOS PRÁTICOS	167
BIBLIOGRAFIA	171
SOBRE O AUTOR	174





## PREFÁCIO

Cristo entrou em nosso mundo como o Criador, traduzindo a existência celestial em terrena. Quando nossa fé em Cristo é combinada com nossos próprios esforços humanos na criação, acaba-se criando uma forma mais diversificada e rica de comunicação. Durante séculos, os artistas têm buscado ter acesso ao transcendente por meio de suas criações. A linguagem das artes, pode-se afirmar, é uma linguagem nascida da fé.

Em outras palavras, todas as formas de arte tentam traduzir o que é invisível para o que é visível. O pintor Joel Sheesley declara: “Eu penso que a definição de conteúdo na arte é muito parecida com a definição de fé dada pelo Novo Testamento, que a chama de ‘certeza das coisas que se esperam”.

Especialmente quando nos envolvemos com a arte com uma visão redimida, ela torna-se uma atividade de fé, traduzindo a “certeza das coisas que se esperam” a partir de palavras, da pintura e de outros materiais para o conteúdo e a forma da arte. A diversidade passa então a ser criada não a partir da desconstrução ou fragmentação, mas da unidade. A fé nos instiga a criar a partir de uma linguagem renovada, que une até mesmo a linguagem dividida de uma época, redimindo assim a própria comunicação.

É nosso desejo que não somente os artistas, mas toda a igreja esteja envolvida nesse ato de tradução. Ray Bakke diz que “a fronteira da missão do mundo já não está geograficamente distante; está culturalmente distante, porém geograficamente bem na porta ao lado”. Essa “distância” cultural existe não somente nas culturas étnicas, mas também nas novas culturas criadas na cidade. A lacuna existente entre a cultura geral e a igreja deve ser preenchida pelo evangelho da encarnação, “a maior de todas as traduções”.

Michael Card é um grande contador de histórias. Sua música e seus livros sussurram à minha alma os tesouros secretos do evangelho. Sua habilidade como músico e a profundidade de seus pensamentos dão uma qualidade mágica à sua expressão; por meio de sua obra, entramos em um lugar encantado, como que ouvindo uma voz sábia contar uma velha e maravilhosa fábula.

Há muitos anos, no Japão, quando meu coração se viu renovado pela presença de Cristo em minha vida, um amigo

meu, missionário, sugeriu que eu ouvisse as canções de Michael Card. “Infelizmente” — ele confidenciou-me — “não há muitos artistas cristãos contemporâneos que eu possa recomendar-lhe” (ele me conhecia bem). “Mas Michael Card é diferente. Você irá apreciá-lo”. Meu amigo entendia minhas lutas como um artista atraído por Cristo, mas que não tinha muitos exemplos de contemporâneos de destaque nas artes.

Alguns anos se passaram até que eu pudesse encontrar Michael pessoalmente. Quando finalmente, um dia, em Nova Jersey, assisti à sua apresentação, tive um estranho sentimento de afinidade. “O chamado é para a comunhão, o poder empobrecedor que liberta a alma...” Eu mesmo já havia feito essa oração por comunhão. Nos anos seguintes, eu me envolvi em um movimento de implantação de igrejas na cidade de Nova York (no qual trabalho até hoje), e cumpri meu chamado artístico ali, como diretor do Movimento Internacional de Artes (MIA).

Hoje, enquanto leio o manuscrito deste livro, percebo-me muito grato por estar envolvido com Michael mais uma vez, na compreensão da criatividade na igreja e no mundo. Suas palavras estão profundamente entrelaçadas no pano da criatividade e na luta de pedir a Deus que crie essa comunidade ao seu redor. Embora profundamente enraizada na fé da Antigüidade, sua sabedoria fala dos problemas de hoje e dos desafios que encaramos na igreja. Neste momento em que nossa nação e nossas cidades encaram a escuridão, suas palavras tocam ainda mais fundo nos mistérios da vida e da morte.

Sua poesia (*poíema*) nos encoraja a estarmos todos engajados no ato criativo de expandir o reino de Deus no meio da escuridão. Michael nos leva a vermos a nós mesmos como obras-primas de Deus, feitas em Cristo Jesus para criar, por sua vez, obras-primas para a glória de Deus.

MAKOTO FUJIMURA  
*Cidade de Nova York*



## AGRADECIMENTOS

Muito do que é útil neste livro nasceu em comunidade. Foi gerado a partir das necessidades genuínas da comunidade. Os conceitos bíblicos básicos vieram de uma das primeiras comunidades autênticas de fé às quais pertenci, uma pequena igreja bi-racial em Bowling Green, Kentucky, chamada Igreja Memorial Cecelia. Ali foi onde iniciei um relacionamento de discipulado com o Dr. William Lane, que já partiu para estar com Jesus. De muitas maneiras, este livro é apenas uma continuação de seu trabalho. O conceito do mandato criativo, as reflexões sobre a estrutura do fragmento de hino em Filipenses e, na verdade, quase todos os capítulos deste livro estão baseados em um conceito que ele me ensinou.

Várias outras idéias acerca de vida devocional e comunidade foram desenvolvidas em uma comunidade especial na Universidade Internacional de Columbia, onde por quatro verões ensinei em uma disciplina chamada “Cristo e o Processo Criativo”. Essa disciplina não teria sido conduzida sem o apoio do Dr. David Osterland. Foi ele quem primeiro teve a idéia de criá-la. O conteúdo deste livro amadureceu no contexto dessa matéria, pelo seu encorajamento. Aqueles alunos ensinaram-me mais sobre o assunto do que eu a eles.

Agradeço à minha comunidade da aliança aqui em Franklin, Tennessee: Scott Roley, que tem caminhado comigo há anos, em apoio irrestrito e lágrimas; Mike Smith e Dr. George Grant, que estão atualmente dedicando suas vidas à minha no contexto do Centro de Estudos de Discipulado Casa Franklin. Aos irmãos do grupo mais amplo da aliança, a Comunhão das Mãos Vazias, agradeço por suas orações. Nos anos mais recentes, Ken Cope, um irmão que tem caminhado ao meu lado e ao de minha esposa, Susan, tem aberto o coração a nós como ninguém jamais o fez. Seu ensinamento de que não somos os nossos dons é um elemento-chave para esta discussão. Obrigado ao Ken também por trabalhar no manuscrito deste livro e forçar-me a compartilhar minhas próprias experiências como “um ato de arrependimento” por todos os anos de falsa humildade.

Finalmente, devo agradecer a Susan e à nossa pequena comunidade em casa. Ela conhece muito bem o doloroso processo de escrever livros, tendo ela mesma escrito dois, e me



ajuda a ter tempo livre para que eu possa escrever. Ouve incessantemente idéias e falsos começos. Ela é, para mim, tanto uma lembrança da realidade, quanto uma produtora de sonhos que se realizam.





## Capítulo Um

# RABISCANDO NA AREIA

*F*oi arte e foi teatro ao mesmo tempo, mas foi ainda mais. Foi o que Ele não disse que falou mais poderosamente à turba naquela manhã. Foi como um copo de água fria para uma adúltera sedenta e um jato de água fria no rosto para um grupo de fariseus furiosos.

Até hoje não temos a menor idéia do que Jesus rabiscou duas vezes na areia. Em geral tem-se feito a pergunta errada através dos séculos. Trabalha-se no conteúdo sobre o que ele poderia ter escrito. Pergunta-se *o quê* sem sequer perceber-se que a verdadeira pergunta deveria ser *por quê?* Não é o conteúdo que importa, mas o *porquê* de Ele ter feito isso. Inesperado. Irritante. Criativo.

Eles estavam furiosos, é claro — com Jesus e com a mulher. (Por tudo o que sabemos, eles devem ter armado para que ela fosse pega). Arrastaram-na até o pátio do templo, interrompendo sabe-se lá qual lição brilhante que Jesus estava dando.

Você conhece a história. “Tu, pois, que dizes?” — eles lhe perguntaram, com a falsa reverência à qual Ele havia se acostumado com o tempo.

Mas Jesus não disse nada. Nenhuma sílaba. Em vez disso, agachou-se e “escreveu” algo com o dedo na areia sagrada do templo.

Os escribas e fariseus não podiam suportar seu silêncio pensativo, e continuaram incitando-o com perguntas.

Jesus finalmente quebrou o terrível silêncio. Erguendo-se uma vez mais, deixando de lado seus rabiscos, Ele deu, em apenas quatorze palavras, um resumo de sabedoria e compaixão que conferiu a forma perfeita à sua vida (e que pode fazer o mesmo com a nossa): “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra” (Jo 8.7).

Ele, então, voltou à atividade. Aquele que havia desenhado as galáxias com o mesmo dedo, agachou-se como um aluno, sua língua talvez dobrando-se no canto da boca, escrevendo mais uma vez aquelas palavras pelas quais daríamos um tesouro para saber quais foram, mas que nunca saberemos.

## **Um espaço no tempo**

O que Jesus fez naquela manhã criou um espaço no tempo, que permitiu que a turba furiosa se acalmasse, ouvisse sua palavra,

pensasse finalmente a respeito dela, fosse convencida e respondesse a ela — ou não. Fez com que o tempo se aquietasse. Foi original. Foi inesperado. Foi uma resposta ao barulho e à confusão, e a toda a intensa atividade ao seu redor, ainda que Ele mesmo não estivesse nem um pouco incomodado pelo barulho. Pelo contrário, o ato de Jesus criou uma moldura em torno do silêncio — o tipo de silêncio a partir do qual Deus fala ao coração. Em resumo, foi um ato supremo de criatividade. Foi arte.

Aparentemente, a forma e até mesmo o conteúdo não foram o que na verdade importou, não tanto quanto o fato de que, por um momento, o barulho cessou e a atenção de todos concentrou-se em outro lugar. Naquele momento, todos ao redor aprenderam que o seu mundo não era o único mundo que existia. E, assim, foram liberados. Isso também é arte.

Nossos livros minuciosos, nossos quadros grandiosos, nossas sinfonias majestosas, toda a arte até hoje feita em seu nome desde aquele dia, não podem esperar ser mais e não devem permitir-se ser menos do que os rabiscos de Jesus na areia naquela manhã. Se aquilo que criamos, escrevemos, dançamos ou cantamos pode abrir tamanho espaço no tempo por meio do qual Deus pode falar, imagine as possibilidades! A pintura pode tornar-se uma janela através da qual um mundo confuso olha e vê a ordem sadia da criação de Deus. A música pode tornar-se um eco orquestrado da voz que os ouvidos cansados da humanidade há séculos têm ansiado ouvir. Essa é arte por meio da qual Deus é visto e ouvido, na qual Ele é encarnado, é “detalhado” em pintura e tinta, em pedra, em movimento criativo. Do ponto de vista cinza e vazio

do mundo caído, são apenas arranhões e rabiscos na areia, mas, à luz da eternidade, tornam-se o ensejo para a revelação divina. O que mais poderíamos esperar, e, uma vez tendo visto esta nova possibilidade, como poderíamos nos conformar com menos?



### *Rabiscando na Areia*

*No meio de uma turba de homens loucos, ela estava assustada e só  
Quando vozes cheias de ódio gritavam que ela deveria agora  
ser apedrejada*

*Mas no ar ao seu redor pendurava-se um vasto e  
inexprimível amor*

*Quem sabe no meio de qual lição brilhante Ele estava  
De início Ele encarou a fúria do desprezo farisaico  
Mas então se inclinou e de pronto tornou-se o olho calmo  
da tempestade*

*Esta foi sua resposta silenciosa à exigência obscura e cruel  
Toda uma vida em um momento, enquanto Ele rabiscava  
na areia*

*Foi silêncio. Foi música*

*Foi arte. Foi absurdo*

*Ele inclinou-se e gritou bem alto*

*Sem dizer sequer uma única palavra*

*O mesmo dedo da mão forte*

*Que havia escrito os Dez Mandamentos*